

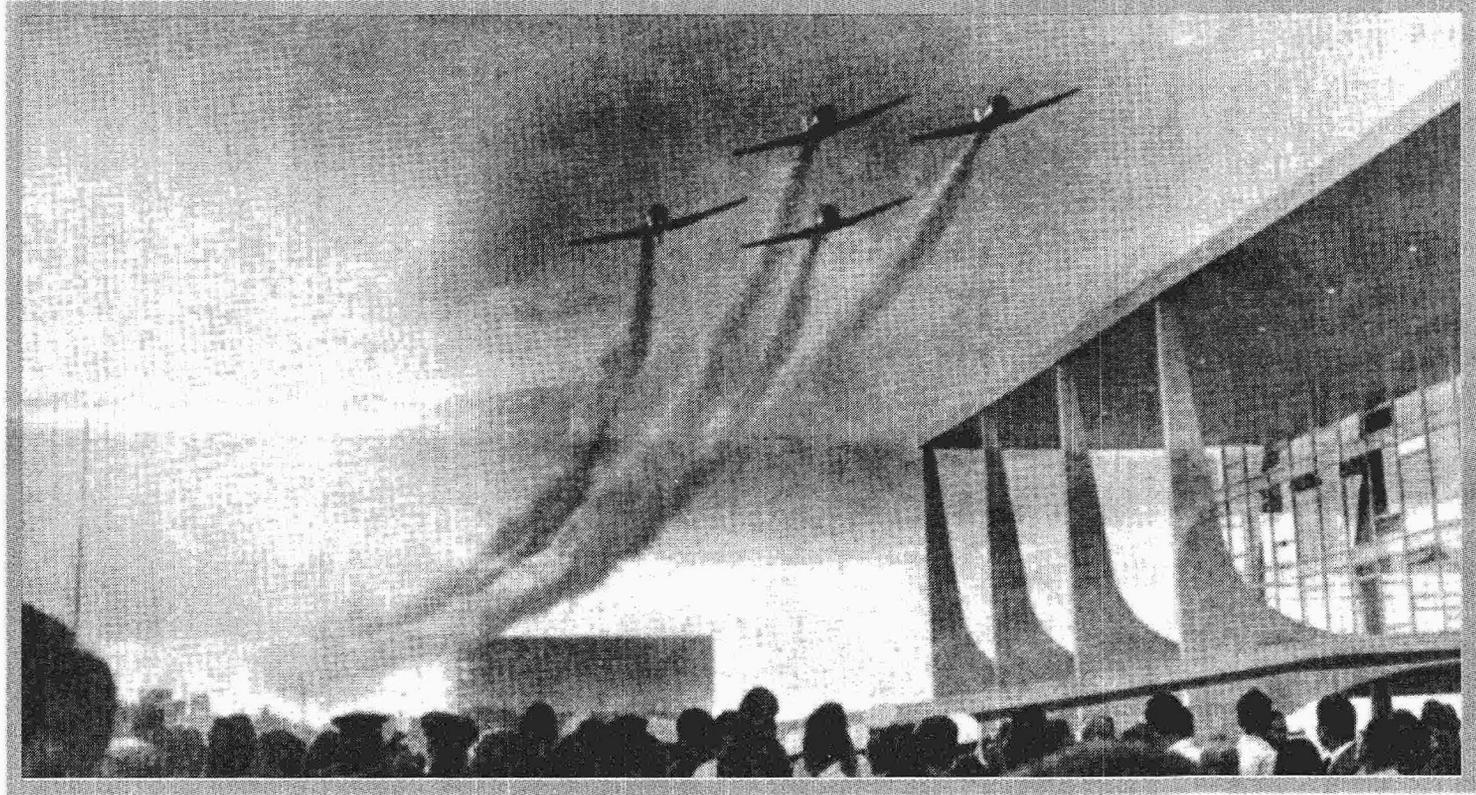
## PIONEIROS



Yvonne Vera Bulhões Pedreira

# Sem medo de ser feliz no Planalto Central

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

O marido, João Carlos Bulhões Pedreira, não tinha a intenção de se mudar para Brasília definitivamente. Por conta disso, Yvonne Vera Bulhões Pedreira, 73 anos, não se preocupou com o fato de deixar o cotidiano do Rio de Janeiro para participar da consolidação da nova capital no Planalto Central. No final das contas, a decisão de se mudar terminou sendo dela.

Bulhões tinha concessão de duas siderúrgicas para vender ferro no país. As construções de Brasília, feitas de concreto armado, demandavam grandes quantidades do material, apresentando-se como excelente oportunidade de negócio. Diante disso, o empresário passou a visitar a cidade com frequência a partir de 1959. No início, passava uma semana aqui e outra junto à família, na capital carioca.

Vera, na época mãe de duas crianças, não se incomodava. Mas a distância começou a ficar cada vez maior. "De repente ele ficava duas semanas aqui e uma lá, pouco tempo depois já eram três aqui e uma lá", conta. "Decidi então vir para a inauguração da cidade, em abril de 1960, e conhecer o novo Distrito Federal", completa.

A festa foi emocionante para todos. A Esplanada dos Ministérios ainda estava longe de ser concluída, com apenas alguns

prédios construídos e os espaços abertos ainda sem o gramado verde que vemos hoje. Mas a beleza da arquitetura do Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Ministério da Justiça era impressionante. As três obras já estavam prontas e a cerimônia de inauguração da cidade aconteceu ali, na Praça dos Três Poderes.

Terminados os festejos, as ruas de Brasília voltaram ao normal. Poucas pessoas, poucos carros, muitos canteiros de obras. Acostumada a uma vida social intensa e ao clima de viver na beira do mar, Vera não se incomodou com o vazio dos grandes espaços abertos que caracterizam o Plano Piloto. Nem com a precariedade de um comércio ainda insipiente e o

número pequeno de moradores que tornavam a cidade quase uma vila de aspecto cosmopolita.

Embora poucas quadras estivessem prontas, Vera achou que Brasília já oferecia o básico para morar bem com o marido e os dois filhos. "Havia um espírito aventureiro, um sentimento de que participaríamos da história do país", afirma. "A solidariedade entre as pessoas era grande, meu marido já tinha feito muitas amizades e eu achei que seria bom viver com as crianças aqui", justifica.

### Habitação popular

Mesmo após a inauguração da cidade, conseguir moradia em Brasília não era fácil. Os apartamentos eram reservados para os fun-

cionários do serviço público. Dessa forma, Bulhões teve que providenciar rápido uma maneira de abrigar a família enquanto Vera organizava a mudança no Rio de Janeiro.

"Na época, ele e um sócio administravam a construção de casas populares na altura da 710 Sul, na avenida W3", conta Vera. "Então a solução mais rápida para nos receber aqui foi construir uma casa de madeira no canteiro de obras da quadra", completa.

As moradias que Bulhões construiu seguiam um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer conforme dois padrões, de três e cinco quartos. Eram chamadas de habitação popular nº 3 (HP3) e habitação popular nº 5 (HP5), res-

DEPOIS DE PARTICIPAR DA  
FESTA DE INAUGURAÇÃO DA  
NOVA CAPITAL, VERA RESOLVEU  
MUDAR PARA A CIDADE

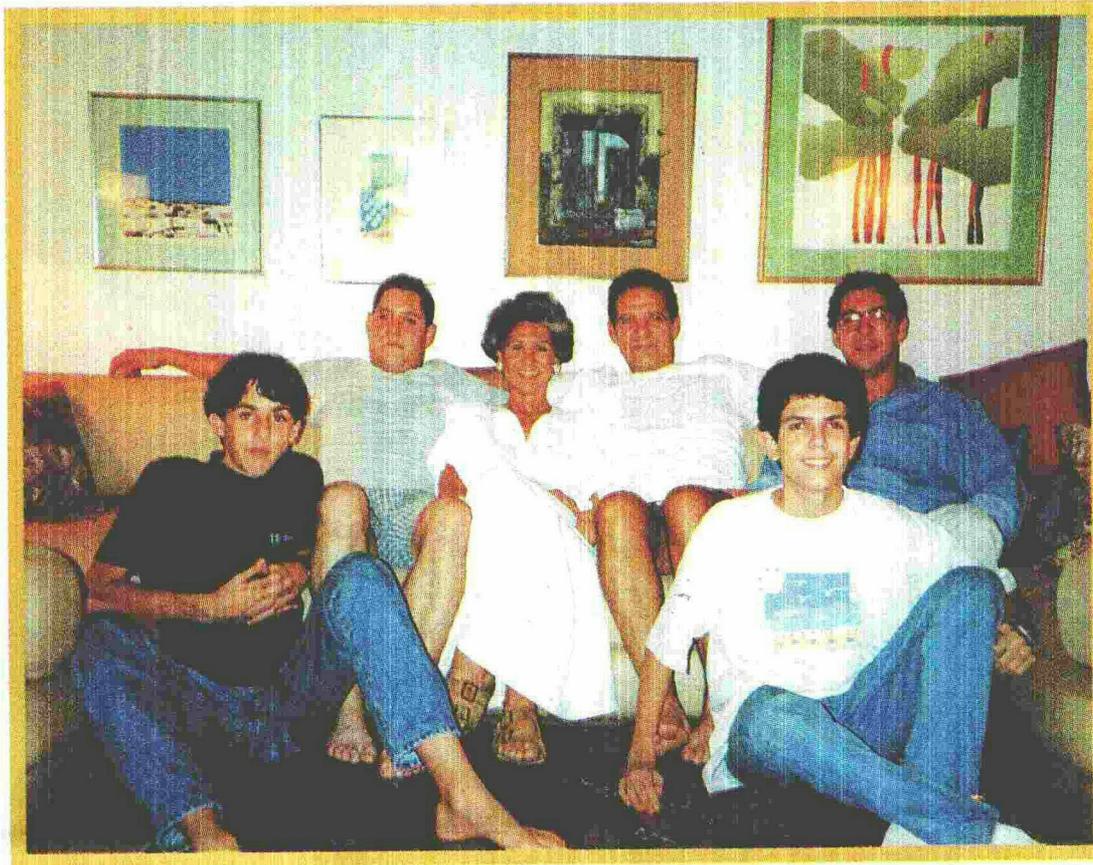
pectivamente. Diferentes de outras moradias populares construídas na W3, as casas populares de Niemeyer eram amplas e confortáveis, sempre com dois andares. Depois de prontas, seriam habitadas por profissionais liberais e comerciantes.

A idéia da família Bulhões era viver na casa de madeira provisoriamente até que a quadra fosse concluída e o casal pudesse habitar uma das HP3. A mudança de Vera para cá aconteceu então em julho de 1960. "As crianças adoraram a liberdade que encontraram aqui",

## PIONEIROS

A decisão de vir morar em Brasília foi tomada para ficar mais próxima do marido. Apesar da falta de estrutura, achou que aqui seria um bom local para criar os filhos

COM OS FILHOS E NETOS, VERA TEVE A VIDA QUE DESEJOU EM BRASÍLIA



diz. “Corriam o dia todo pelas obras e chegavam em casa imundas de terra vermelha”, recorda-se.

O prazo terminou se alongando e a casa do casal chamou a atenção da mídia local. “Éramos amigos do jornalista Ari Cunha, mas ele não sabia que nós vivíamos lá”, conta Vera. “Então, um dia ele disse na coluna que era um absurdo haver uma casa de madeira em plena avenida W3, fiquei apavorada”, recorda-se. Vera, o marido e as crianças viveram na casa provisória durante um ano e mudaram-se para a construção de alvenaria.

### Vida simples

Em 1961, as opções de entretenimento em Brasília ainda eram poucas. Por conta disto, a convivência entre as pessoas era muito próxima e as amizades aconteciam com facilidade. “Sempre organizávamos reuniões na casa de um e de outro e passávamos a noite conversando e tocando violão”, descreve Vera. “Quando queríamos fazer algo diferente, íamos ao Brasília Palace Hotel, onde havia boate, restaurante e piscina”, completa.

Outra diversão do casal era jogar cartas no Clube Cota Mil, uma dos primeiros inaugurados na cidade. “Lembro-me que a idéia de montar o clube foi da Katusha, uma colunista social que havia aqui”, revela. “A primeira sede do clube era simples como tudo em Brasília, uma construção de madeira em cima de palafitas na beira do Lago Paranoá”, conclui.

Para fazer as compras de primeira necessidade, o Plano Piloto já contava com dois supermercados SAB. Mas Vera e a maioria das pessoas preferia ir à Cidade Livre uma vez por semana. “Era

um passeio muito agradável, pois a cidade parecia saída de um filme de faroeste norte-americano”, afirma. “Além disso, as verduras e frutas vendidas no mercado eram mais frescas”, completa.

As construções da Cidade Livre eram de madeira porque, segundo o projeto original de Brasília, a cidade existiria temporariamente, durante a construção da capital. O governo local, entretanto, nunca conseguiu executar a demolição da cidade, que terminou virando o Núcleo Bandeirante.

### Trabalho

Criar os filhos em Brasília era tarefa muito fácil para quem estava acostumada com o cotidiano carioca. Todas as quadras tinham uma escola classe, onde as crianças freqüentavam as aulas do ensino regular durante um período do dia. E a cada duas superquadras (das que já existiam) havia uma escola parque, onde as crianças tinham aulas de carpintaria, pintura, desenho, esportes etc.

Em 1962, Vera decidiu voltar a trabalhar após nove anos dedicados à vida doméstica. Foi admitida

como auxiliar judiciária no Tribunal Federal de Recursos, que hoje chama-se Superior Tribunal de Justiça. Com a entrada de Jânio Quadros na Presidência da República, os negócios de Bulhões passavam por uma crise, como todo o setor de construção em atividade aqui. Como funcionária pública, Vera teve direito a ocupar um apartamento na 108 Sul, para onde a família terminou se mudando.

Quando João Goulart assumiu a Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros, houve um período de grande instabilidade política no país. Pelo menos um fato desta época ficou marcado na memória de Vera pela proximidade que Brasília lhe proporcionou com os acontecimentos. “Estávamos assistindo o noticiário na televisão no apartamento de amigos na 114 Sul, de onde, na época, via-se o aeroporto”, conta. “Ao mesmo tempo em que o embarque de Jango foi informado pelo jornalista, vimos o avião decolar”, completa.

O último filho de Vera nasceu em Brasília em 1969. Em 1971, ela e o marido decidiram retornar ao Rio de Janeiro, onde Bulhões, que

era advogado, trabalharia no escritório do irmão. Nos anos seguintes, o casal se separou e Vera, que havia sido transferida para a Justiça Federal no Rio, decidiu estudar Direito para voltar a Brasília com função de chefia no STJ.

Em 1979, a advogada retornou à capital federal. Aqui, ocupou um apartamento na 208 Sul, que fez parte da primeira etapa de apartamentos funcionais colocados à venda pelo governo. A cidade havia crescido, já havia comércio estruturado no Plano Piloto e até um shopping, um dos primeiros do país — o Conjunto Nacional.

Por outro lado, o contato entre os moradores não era mais o mesmo dos primeiros anos da cidade. “Encontrei Brasília diferente e já não podia contar com os mesmos amigos de quando estava casada, teria que começar tudo de novo”, recorda-se. “Pela primeira vez, senti falta do Rio de Janeiro, mas queria viver aqui”, conta. Aos poucos, Vera formou um novo círculo de amizades e acostumou-se rápido com a vida no centro do país, pela qual declara-se uma apaixonada.

“AS CRIANÇAS ADORARAM A LIBERDADE QUE ENCONTRARAM AQUI. CORRIAM O DIA TODO PELAS OBRAS E CHEGAVAM EM CASA IMUNDAS DE TERRA VERMELHA”

## Raio X

**Nome:**  
Yvonne Vera Bulhões Pedreira  
**Idade:**  
73 anos  
**Profissão:**  
Funcionária pública (aposentada)  
**Origem:**  
São Paulo, mas veio do Rio de Janeiro para cá  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1960  
**Filhos:**  
Roberto, Ricardo e Rodrigo  
**Netos:**  
Rafael, Pedro e Júlia